

A presença de Chico Xavier na literatura umbandista¹

The presence of Chico Xavier in umbandista literature

Artur Cesar Isaia*

Resumo

Este trabalho tem como objetivo percorrer os caminhos interdiscursivos nos quais a literatura umbandista buscou coabitação com Chico Xavier. O médium mineiro é visto como recorrência de autoridade, como busca por um bem simbólico, não apenas do Espiritismo brasileiro, mas interconfessional. Por outro lado, a recorrência da Umbanda a Chico Xavier não pode ser estudada sem atentarmos para a presença constitutiva do Espiritismo no projeto da identidade da nova religião. Assim, o projeto na direção de um “Espiritismo de Umbanda” relacionou boa parte dos intelectuais da Umbanda na busca por coabitação discursiva, tanto com o Espiritismo francês do século XIX, quanto aos seus bens simbólicos marcadores de identidade, como a psicografia. A presença de Chico Xavier na literatura da Umbanda é vista de duas formas, tanto como presença direta, quanto na procura em partilhar de um interdiscurso, trazendo temáticas e apreensões típicas da sua obra.

Palavras-chave: Espiritismo. Memória. Umbanda. Chico Xavier.

Abstract

This work has the purpose to go through the interdiscursive ways in which the umbandista literature has sought cohabitation with Chico Xavier. The *medium* from Minas Gerais is regarded as recurrent in authority, as a search for a symbolic good, not only of Brazilian Spiritualism, but also of an interconfessional one. On the other hand, the recurrence of Umbanda to Chico Xavier cannot be studied without paying attention to the constitutive presence of Spiritualism in the project of identity of this new religion. This way, the project in the direction of "Spiritualism of Umbanda" has linked together a good portion of intellectuals from Umbanda in the search for discursive cohabitation, either with the French Spiritualism of the nineteenth century, or with its symbolic goods as identity markers, such as the psychographics. The presence of Chico Xavier in Umbanda literature is seen in two ways, both as direct presence, and as a search for sharing an interdiscourse, bringing thematic and typical apprehensions of his work.

Key-words: Spiritism. Memory. Umbanda. Chico Xavier.

* Professor titular do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle Canoas (UNILASALLE). Pesquisador do CNPq. Vice-Coordenador do GT Nacional História das Religiões e Religiosidades (ANPUH). E-mail: arturci@uol.com.br.



Figura 1 – Chico Xavier entre o Preto Velho e o Caboclo

Fonte: http://cabanadepaijose.blogspot.com.br/2012_08_01_archive.html

Acesso: 23/10/2014

Introdução

Mais que uma epígrafe para este texto, penso que a imagem acima remete às ressignificações sofridas por Chico Xavier até frequentar a literatura umbandista e ser visto mesmo como um mentor na nova religião, ao lado das tradicionais figuras culturais que formam o panteão da Umbanda. A frequência com que alguns intelectuais umbandistas procuraram direta ou indiretamente a Chico Xavier mostra a sua importância como fonte de legitimação que extrapola o Espiritismo e a Federação Espírita Brasileira (FEB). Nas obras dos intelectuais umbandistas e atualmente nos blogs dedicados à Umbanda, que povoam do ciberespaço, podemos encontrar Chico Xavier como uma presença indiciária do projeto de aproximá-lo de um universo simbólico não emoldurado pelos interesses estritamente centrados no Espiritismo kardequiano brasileiro.



Figura 2 – Chico Xavier, um bem simbólico não restrito ao esforço doutrinário da Federação Espírita Brasileira (FEB).

Fonte: http://www.asrevelacoesdarevelacao.com/2014/08/chico-xavier-e-politica_31.html.
Acesso: 01/08/2016

1. Chico Xavier, literatura umbandista e História do Brasil

Acredito que falar sobre a presença de Chico Xavier na literatura umbandista envolve as discussões sobre os parentescos culturais, as afinidades existentes entre esta literatura e a visão da história do Brasil existente na obra do médium mineiro. De fato, a narrativa mítica de um “Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho” aparece recorrentemente na literatura umbandista, mostrando Chico Xavier como uma presença, que mesmo não sendo sempre anunciada ou explícita, apresenta-se como indissociável da obra de muitos intelectuais que pensaram a Umbanda. Esses homens e mulheres que se lançaram à tarefa de trazer o letramento, característica própria do Espiritismo codificado por Allan Kardec, para a nova religião que se queria nacional, se representando como autenticamente brasileira, trouxeram também uma narrativa da história brasileira, altamente tributária de duas vertentes principais: a primeira, a leitura triádica da formação social do povo brasileiro, presente na obra do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) (Isaia, 2012a); e a segunda, justamente a narrativa esposada na psicografia de Chico Xavier e atribuída pelos espíritas a Humberto de Campos. Essas duas leituras estão interpenetradas: a da psicografia de Chico Xavier traz insistentemente a visão do IHGB como metanarrativa, na qual a ideia do encontro das três “raças”,

do elogio ao português como elemento civilizador corrobora uma história harmônica, inter-relativa, que mostra, por outro lado, marcadores institucionais extremamente caros àquela instituição e divulgada por muito tempo nos livros didáticos de história. A noção triádica da formação histórica brasileira aparece de maneira saliente em Varnhagen, evidenciando uma narrativa marcada pelas ideias de encontro, conciliação e harmonia e pela defesa de uma necessária centralização política, consubstanciada no elogio à monarquia constitucional. Por outro lado, a obra de codificação espírita já trazia uma concepção histórica na qual as “leis divinas” acenavam, tanto para o progresso evolutivo individual quanto social. A lei do progresso contínuo atingia não somente o destino individual do homem, mas presidia a própria teleologia histórica, acenando para um futuro radioso, intimamente relacionado às utopias sociais do século XIX e à leitura positivista da história. Lendo a obra de codificação como importante fonte histórica, podemos ver um encadeamento que dá inteligibilidade ao processo histórico, aparentando-o com os esquemas macroexplicativos modernos. Contudo, o elogio à revolução, típico do século XIX, capaz de apressar o encaminhamento teleológico da história, não aparecia no discurso espírita. A obra de codificação espírita esposava uma solução harmônica para os conflitos sociais e tendia claramente para a conservação do *status quo* burguês. O discurso espírita do século XIX aproximava-se do elogio prometeico ao progresso, assegurado pela contínua evolução humana. À luta de classes e ao revolucionarismo pregado pelo socialismo, respondia o discurso espírita com o elogio à caridade, pedra angular do discurso espírita do século XIX. Essas características intrínsecas à obra de codificação espírita aparecem na psicografia de Chico Xavier, ratificando a visão teleológica e conciliadora da obra de codificação. Esta visão seria endossada, futuramente, pela literatura umbandista (Isaia, 2012b) que ganha ímpeto na primeira metade do século XIX. Esta concepção teleológica, providencialista e elogiosa da cooperação social, é manifestada na psicografia de Chico Xavier, sobretudo, em duas obras: *Brasil, coração do mundo e pátria do evangelho* (Xavier, 2013) e *A caminho da Luz* (Xavier, 1998).

Em *Brasil, Coração do mundo e pátria do evangelho*, a psicografia de Chico Xavier desenvolve a representação de um território escolhido por Jesus para fazer florescer a boa nova evangélica. A história é narrada em forma de epopeia, com a providência divina ditando o rumo dos fatos (Silva, 2005). O início do livro

já anuncia os eventos extraordinários, que caracterizam a epopeia, com o narrador anunciando:

As reservas brasileiras não se circunscrevem ao mundo do aço do progresso material, que impressionou fortemente o espírito de Humboldt, mas se estendem, infinitamente, ao mundo do ouro dos corações, onde o país escreverá a sua epopeia de realizações morais em favor do mundo. (Xavier, 2013, p. 8)

O narrador explicita com essas palavras o plano divino de uma “nova Palestina” no território brasileiro, que serviria de berço para a evangelização do mundo e difusão do Espiritismo, considerado a “terceira revelação”.

Jesus transplantou da Palestina para a região do Cruzeiro a árvore magnânima do seu Evangelho, a fim de que os seus rebentos delicados florescessem de novo, frutificando em obras de amor para todas as criaturas. (Xavier, 2013, p. 10)

A psicografia de Chico Xavier, intimamente ligada à obra de codificação espírita, também assumia um elogio às conquistas do século XVIII e o iluminismo. De forma clara há o elogio à supremacia da República como forma de governo mais racional e produto da evolução social e humana. Neste pormenor, a Proclamação da República é apresentada como a emancipação, a verdadeira “maioridade” do povo brasileiro. A atuação de Ismael, o anjo guardião do Brasil, seria favorecida pelo advento da República e pela condição de cidadania conquistada pelo povo brasileiro. Uma evidência empírica da visão conciliadora e harmônica característica da obra de Chico Xavier aparece nos elogios tecidos a D. Pedro II, apesar da já citada filiação à República.

A ideia republicana se consolidava cada vez mais no espírito da nacionalidade inteira. O bondoso imperador nunca lhe cortara os voos prodigiosos no coração das massas populares; aliás, alimentava-os com os seus alevantados exemplos de democracia. Nos espaços, Ismael e suas falanges procuravam orientar os movimentos republicanos e abolicionistas, com a alta serenidade e esclarecida prudência, no propósito de evitar os abomináveis derramamentos de sangue por desvarios fraticidas. (Xavier, 2013, p. 161)

Esta visão conciliadora e harmônica, o elogio a uma república e ao fim da escravidão ocorridos sem episódios revolucionários, presentes na obra de Chico Xavier, vai deslizar para a literatura umbandista produzida no século XX. Neste sentido, Diamantino Trindade, um intelectual umbandista, apresentará a mesma versão para o advento da República e da abolição da escravidão:

O final do século XIX é marcado no Brasil por um grande balanço social devido à libertação dos escravos e à instauração da República, uma forma mais justa de governo que iniciava sua peregrinação no Brasil. A Corrente Astral de Umbanda, aproveita esta reviravolta social e, por volta de 1889 lança o vocábulo Umbanda em vários pontos do país. (Trindade, 1991, p. 54)

Acorde com a tradição revolucionária francesa e com a codificação espírita, a obra de Chico Xavier considera a República o ápice da convivência política. A Proclamação da República seria o último acontecimento no qual a intervenção divina apareceria de forma direta na história do Brasil. Este é um outro componente discursivo compartilhado entre a literatura umbandista e a obra de Chico Xavier. É bastante sintomático que boa parte da literatura umbandista eleja o 15 de novembro como um marcador institucional dos mais importantes (Isaia, 1999): a fundação ou o anúncio da Umbanda. O mito de origem da Umbanda proposto por Brown (1985) refere-se a Zélio Fernandino de Moraes, que em uma sessão espírita no interior do estado do Rio de Janeiro, teria servido de médium ao Caboclo das Sete Encruzilhadas, espírito considerado por boa parte dos umbandistas como entidade que trouxe a Umbanda.

A presença interdiscursiva de Chico Xavier aparece na obra de outro importante intelectual umbandista da primeira metade do século XX: Lourenço Braga. Para este autor, o surgimento da Umbanda no Brasil fazia parte dos desígnios divinos em mobilizar espíritos elevados para atuarem nos rumos que tomaria a história nacional. É mister que se esclareça que o posicionamento de Lourenço Braga era bastante refratário ao passado africano, o que talvez possa compreender-se pela sua gravitação em torno de valores preconceituosos que permeavam os horizontes sociais, em uma conjuntura em que a abolição da escravatura era recente. Para Lourenço Braga, os negros africanos que vieram para o Brasil trouxeram uma herança mágica, destinada, sobretudo a atingir maleficamente o seu semelhante. Os desígnios divinos, então, aparecem na narrativa de Lourenço Braga, permitindo o aparecimento de uma nova religião, a Umbanda, capaz de “redimir” o passado mágico africano, dotando-o de um substrato ético, em aproximação ao cristianismo reinterpretado pelo Espiritismo do século XIX.

Para melhor se aproximarem dos irmãos afeitos ao mal, dentro dos ambientes constituídos por eles, resolveram os irmãos componentes das legiões do bem, dividirem-se em grupos ou falanges, por afinidade e tomar as formas humildes de caboclos,

de africanos, de sereias, etc., para desse modo, agir melhor e com mais eficiência, porém, sem humilhar aqueles irmãos transviados. Tais práticas são denominadas magia branca ou “Lei de Umbanda.” (Braga, [s.d], p. 6)

Matta e Silva é outro intelectual da Umbanda no qual é possível encontrarmos a coexistência interdiscursiva com Chico Xavier. Esta coexistência fundamenta-se, igualmente, em uma posição bastante refratária às práticas afro-indígenas que antecederam à Umbanda. Neste caso o autor refere-se a “práticas as mais confusas” e que envolviam a “macumba, candomblé, baixo-espiritismo, magia negra ... canjerê, pajelança, batuque ou toque de xangô, babassuê, tambor de mina”... (Silva, 2012, p. 54). Para Matta e Silva, essas práticas levaram a um movimento capaz de depurá-las e chamá-las à vivência doutrinária e ética. Ora, a Umbanda seria, para Matta e Silva, justamente este “movimento de luz”, de onde “começaram a surgir... as falanges dos Caboclos e dos Pretos Velhos, todos, é claro, radicados no campo-astral do Brasil” (Silva, 2012, p. 55). A ideia da epopeia narrada na psicografia de Chico Xavier ratifica-se com o Brasil sendo escolhido por Jesus como o berço de uma “Religião Original”, de uma “Ciência-Mãe”, de uma “Magia Geradora”, para Matta e Silva sintetizadas na Umbanda. Este autor afirma ainda que a Umbanda seria herdeira dos conhecimentos inciatícos orientais, “criada, vibrada e ordenada para agir sob os céus do Brasil” (Silva, 2007, p. 157). Assim, o que chama de “Governo Oculto do Mundo”, sob as ordens de Jesus, teria favorecido o surgimento da Umbanda, para cumprir uma missão civilizadora a partir do Brasil.

Irmãos – a Corrente Astral de Umbanda surgiu como uma providência do Astral Superior, ou seja, dos mentores do Planeta Terra, na ocasião oportuna, sobre toda essa massa que qualificaram como praticante das seitas afro-brasileiras, hoje em dia já classificada, com mais propriedade, como coletividade umbandista. E para que entendam bem isso, vamos elucidar certos ângulos relacionados com um Alto Poder Astral, definido em certas correntes como “O Governo Oculto do Mundo”, para que entre em sua justa posição a dita Corrente de Umbanda e sua missão sobre o Brasil. (Silva, 2007, p. 75)

Em outra obra de Matta e Silva, *Doutrina Secreta da Umbanda* a coabitação discursiva com Chico Xavier é mais evidente, chegando o autor a praticamente parafrasear a obra do médium mineiro no título de um dos capítulos: “Brasil, berço da luz, guardião dos sagrados mistérios da Cruz”:

Neste capítulo vamos levantar mais um véu e confirmar pelo sentido oculto de nossa doutrina por que o Brasil foi cognominado, mui justamente, “Coração do Mundo – Pátria do Evangelho” e que nossa Corrente Astral de Umbanda fez definir como “Berço da Luz, Guardião dos Sagrados Mistérios da Cruz – Pátria vibrada pelo Cruzeiro do Sul, Signo Cosmogônico da Hierarquia Cristica.” (Silva, 2011)

2. A recorrência a Chico Xavier na literatura umbandista: a autoridade reconhecida

Por outro lado, à medida que Chico Xavier impunha-se como bem simbólico que extrapolava o domínio confessional espírita, principalmente através da notoriedade conseguida através do mercado editorial, sua presença na literatura doutrinária umbandista fazia-se também através dos considerados seus mentores espirituais. A presença de André Luiz e Emmanuel, principalmente, aparecia em obras de alguns intelectuais da Umbanda, como forma legitimante e capaz de trazer dividendos simbólicos. Um exemplo encontra-se em *Kardec e a Umbanda*, da autoria de Hilda Roxo, pois nesta obra, Emmanuel aparecia “recomendando” que, completando o Pentateuco espírita, a obra fosse incluída na codificação do Espiritismo (Roxo, 1949). Não apenas Chico Xavier e seus mentores eram buscados como apoio simbólico pelos intelectuais da Umbanda. O próprio codificador do Espiritismo, Allan Kardec, como vimos, também o era, além de vultos proeminentes do movimento espírita brasileiro, como Bezerra de Menezes. Assim, também Emanuel Zespo, defendia que a Umbanda completaria a obra de codificação espírita, sendo dedicado seu livro *O que é a Umbanda* à memória de Bezerra de Menezes, qualificado como “pai do Espiritismo no Brasil, o gigante da pena e da palavra que mais lutou pela confraternização da família espírita” (Zespo, 1953, p. 9). A estratégia, tanto de Roxo quanto de Zespo era, portanto, firmar um “Espiritismo de Umbanda”, conforme aparece no título do Primeiro Congresso da nova religião acontecido no Rio de Janeiro, em 1941: Primeiro Congresso do Espiritismo de Umbanda.

Outra escritora que vai aproximar-se indiretamente de Chico Xavier é Florisbela Maria de Souza, em obra intitulada *Umbanda para Médiuns*. Este livro vinha “prefaciado” por André Luiz, em uma clara operação no sentido de compartilhar os dividendos simbólicos desfrutados pela psicografia do médium mineiro. A obra era “ditada” pelo espírito de Paraguaçu e narrava de forma “autobiográfica” o resgate de suas dívidas cármicas, ao ser encaminhado ao

Grupo Espírita Unidos pelo Amor de Jesus. Salienta-se, no Prefácio de André Luiz, o endosso à narrativa do socorro a Paraguaçu, efetivada por entidades do panteão umbandista, explicitamente indiciária da busca pelo aval de um importante bem simbólico do Espiritismo brasileiro à Umbanda:

Quando Paraguaçu desencarnou, no desespero em que viveu seus últimos anos, descrente de Deus e dos homens, foi arrastado pelos exus para a encruzilhada como um dos seus comandados, para a execução de trabalhos de magia negra. Assim permaneceu uns tempos até que, por acréscimo da misericórdia divina, uma de suas vítimas bateu às portas do “Grupo Espírita Unidos pelo Amor de Jesus”, *cumprindo-se então um dos artigos da Lei de Umbanda: amparar a vítima e socorrer o criminoso... Conduzido por Mãe Sereia para receber os primeiros banhos de limpeza espiritual, foi depois entregue à falange de Oxosse (São Sebastião)*. Para o seu próprio bem era necessário que ele esquecesse sua personalidade. Esta é a razão porque se ouve frequentemente este ponto cantado nos bons terreiros de Umbanda: Ele é caboclo, ele é flecheiro, Usa tanta de cipó, Nas matas em que nasceu É mata de índio só. (Souza, s.d) (sem grifos no original)

Em obra mais atual, Jota Alves de Oliveira é outro escritor umbandista que se aproximou de Chico Xavier e dos considerados seus mentores espirituais como recurso de autoridade. Isto fica claro, por exemplo, na obra *Umbanda Cristã e Brasileira*, na qual o autor dedica dois capítulos a Chico Xavier e à sua psicografia. O capítulo 12 remete diretamente à narrativa atribuída a Umberto de Campos a começar pelo título: *A árvore do Evangelho*. Já o capítulo 13, dedicado à biografia de Chico, é completamente laudatório e apologético: “O médium Chico Xavier, suas proações e sua glória” (Oliveira, s.d).

Uma das características mais importantes da literatura umbandista, produzida a partir da primeira metade do século XX, foi a tentativa de dotar as práticas mágicas, assumidas principalmente a partir da herança afro-indígena, de uma exegese, articulando-as ao esforço doutrinário e conciliando-as com o discurso religioso (Isaia 2013a), pois neste caso, além dos autores ocultistas europeus, citados como forma de ostentar “erudição”, aparecia, igualmente, Chico Xavier e seus considerados mentores, integrando a já citada conciliação entre magia e religião. Exemplificando, Jotas Alves de Oliveira, em *Magias da Umbanda*, propunha-se a um “estudo comparativo das magias positiva e negativa, dos sacrifícios de animais condenados pela Bíblia e da mediunidade na Umbanda em face do Espiritismo, da Religião e do Evangelho de Jesus (Oliveira, 1970, p. 1). Nesta obra, o autor refere-se a Chico Xavier como um “querido

Mensageiro, de quem muito temos colhido no aprendizado infinito... em seus livros, espelhos de sua alma e de sua apurada inteligência e sabedoria” (Oliveira, 1970, p. 167). Chico Xavier aparecia como aval para o esforço doutrinário de Jota Alves de Oliveira, no sentido de aproximar as práticas da Umbanda da codificação do Espiritismo e da ressignificação espírita do Evangelho:

Por tudo o que foi pesquisado pelo magnífico escritor maranhense, agora na espiritualidade maior em contatos que a direção espiritual deste mundo e as informações colhidas sobre a força e a destinação do Espírito do Mestre, por seus emissários responsáveis, supomos ser o suficiente para convencer nossos irmãos umbandistas a meditarem sobre o convite que vimos lhes fazendo desde a publicação da nossa primeira mensagem – O Evangelho da Umbanda – para que a codificação da religião mediúmica da Umbanda seja cimentada doutrinariamente nas lições do Evangelho de Jesus. (Oliveira, s.d, p. 106)

No mesmo Jota Alves de Oliveira, André Luiz aparece como recurso de autoridade para descrever a Aruanda, o local onde a tradição umbandista remete a morada dos Orixás e Entidades (Guimarães & Lima, 1993). Recorrendo à autoridade de André Luiz em *Nosso Lar*, Jota Alves de Oliveira descreve a Aruanda como colônia fraternista, escola ou colégio da espiritualidade” na qual os espíritos do panteão umbandista aprendem a subordinar os conhecimentos mágicos ao “Evangelho de Jesus” (Oliveira, 1970, p. 167).

Chico Xavier e André Luiz aparecem, por outro lado, como fontes legitimantes dos chamados “banhos de descarga”, bastante comuns como recursos de natureza mágica, nas práticas cotidianas da Umbanda. A este respeito, circula no ciberespaço uma mensagem atribuída a André Luiz, na qual recomenda esta prática como uma “magia divina ao alcance de nossas mãos” (*O Magnetismo do banho*, 2014). Claro que não pretendo colocar em discussão a questão autoral da mensagem. Ela apenas é aqui citada como mais um recurso discursivo capaz de trazer Chico Xavier e seus mentores ao universo umbandista. Neste caso, ficam evidentes as ressignificações, as apropriações capazes de transformar o cioso bem simbólico do Espiritismo e da FEB em avalista das práticas mágicas da Umbanda.

3. Chico Xavier como figura cultural na Umbanda

Em recente publicação em um blog dedicado à Umbanda, Chico Xavier aparece de forma inusitada, mostrando a importância que passou a ter no movimento umbandista. No mês de julho de 2009, o referido blog optava por transcrever uma página psicografada pelo médium, ao invés de homenagear ao Orixá Nanã e as figuras culturais dos boiadeiros (Homenagem, 2014).

Por outro lado, presença de Chico Xavier com os atributos da santidade católica, aparece na literatura umbandista em uma obra da autoria de Pai Juruá e que remete o médium mineiro à qualidade de semiromba². Os semirombas seriam, na visão de Pai Juruá, espíritos que “devotaram suas vidas na evangelização e nas rezas e orações contemplativas” (Pai Juruá, 2011, p. 233). Assim, de São Francisco de Assis a Buda, passando por Bezerra de Menezes e Chico Xavier, os semirombas são cultuados com os atributos da santidade. É sintomática a presença de Chico Xavier entre os semirombas da Umbanda, reforçando, nesta identificação as características hagiográficas da biografia do médium, estudadas por Sandra Stoll, marcando sua proximidade com os valores da santidade católica como castidade, renúncia, sofrimento (Stoll, 2003). Os atributos hagiográficos (Stoll, 2003) da biografia de Chico Xavier são encarados como capazes de “humanizarem”, em terras brasileiras, o caráter científico e experimental do Espiritismo francês do século XIX. Ao mesmo tempo, a cômoda situação de praticamente unanimidade simbólica desfrutada por sua figura fez com que a literatura umbandista ainda hoje buscasse uma ponte entre a anunciação ou fundação da Umbanda e sua figura. Em recente publicação periódica umbandista, Chico Xavier e Zélio de Moraes aparecem como figuras complementares, reforçando a figura do médium mineiro como referencial simbólico de interessante aproximação. A mensagem do Caboclo Sete aparece como psicografada pelo médium Francisco Sá:

Chico Xavier trouxe a prática do humanismo ao espiritismo, que inicialmente se apresentou na França, como uma doutrina de caráter mais científico no campo espiritual, para organizar principalmente as nossas relações com o astral. Zélio de Moraes trouxe a prática religiosa do culto à natureza, expandindo a noção de acesso à espiritualidade a todos, de forma estruturada no plano físico e no astral. São conceitos religiosos complementares, onde muito um ensina de práticas ao outro. (Sá, 2012, p. 5)

Conclusão

A presença de Chico Xavier na literatura umbandista é um fenômeno atestador da enorme capacidade desenvolvida pelo médium mineiro no sentido de agregar expectativas e anseios de boa parte da população brasileira e, ao mesmo tempo, de encarnar valores muito caros a este mesmo povo. Pierre Bourdieu pensava que a existência, a valorização social, dependia em grande parte do ato de ser percebido como diferente, não redutível ao comum, ao corriqueiro. Daí a desigual acumulação simbólica entre os homens, que traz consigo um também desigual investimento fiduciário, um desigual reconhecimento social a uns e outros. A procura dos intelectuais umbandistas a Chico Xavier, a sua busca em partilhar sua intimidade, seus valores e realizações pode ser lido justamente como uma tentativa de se aproximar de um diferente que, no entanto não é um outro. A relação entre ambos está longe de ser pautada pela alteridade. Ao contrário! Os intelectuais umbandistas aqui estudados buscavam em Chico alguém cuja força performática social vinha da vivência e da encarnação de valores extremamente caros e raros. Raridade axiológica que antes de separá-lo, faziam de Chico uma figura familiar ao horizonte de valores cultuados por boa parte da população brasileira. Por isso a busca por trazê-lo à familiaridade da Umbanda, daí esta busca chegar mesmo a integrá-lo ao seu panteão.

Referências Bibliográficas

- BRAGA, Lourenço. *Umbanda e Quimbanda*. Rio de Janeiro: EDC, [s.d]. [1941]
- BROWN, Diana. Uma história da Umbanda no Rio. In: BROWN et al. *Umbanda e política*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.
- GUIMARÃES, Edyr Rosa; LIMA, Almir S.M. *Umbanda. Sua codificação, origem, princípios, fundamentos básicos*. Rio de Janeiro: Erca, 1993. [1983]
- HOMENAGEM A CHICO XAVIER. *Umbanda: o reino da Paz*. Disponível em: <http://umbandadejesus.blogspot.com.br/search/label/Chico%20Xavier>. Acesso a 03/08/2015.
- ISAIA, Artur Cesar. Ordenar progredindo. A obra dos intelectuais de Umbanda no Brasil da Primeira Metade do século XX. *Anos 90*, v. 11, p. 97-120, 1999.
- _____. Umbanda, intelectuais e nacionalismo no Brasil. *Fênix. Revista de História e Ciências Sociais*, v. 9, n. 3, p. 1-22, 2012a.
- _____. A república e a teleologia histórica do Espiritismo. In: ISAIA, Artur Cesar; MANOEL, Ivan Aparecido. *Espiritismo & Religiões Afro-Brasileiras*. São Paulo: EDUSP, 2012b.

_____. O universo mágico no Espiritismo de Umbanda. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 5, n. 15: 47-60, 2013a.

_____. Umbanda no Rio Grande do Sul: o esforço pela representatividade social nos primórdios de uma religião. In: WEBER, Beatriz Teixeira; ZANOTTO, Gisele (Org.). *Religiões e Religiosidades no Rio Grande do Sul (Volume 2)*. São Paulo: ANPUH, 2013b.

KARDEC, Allan. *Qu'est-ce que le Spiritisme?* Paris: Vermet, 1988. [1857]

_____. *Le livre des esprits*. Paris: Dervy, 1996. [1857]

O MAGNETISMO DO BANHO. Disponível em: <http://umbandaeucurto.com/noticias/o-magnetismo-do-banho/#.VS2IkvnF9p1>
Acesso em: 10/10/2014.

OLIVEIRA, Jota Alves de. *Magias da Umbanda*. Rio de Janeiro: Editora Eco, 1970.

_____. *Umbanda Cristã e Brasileira* (Pesquisa, análise, doutrina). Valença: Tecnoprint, s.d.

PAI JURUÁ. *O ritual do rosário das Santas Almas Benditas*. São Caetano do Sul: s.ed, 2011.

ROXO, Hilda. *Kardec e a Umbanda*. Niterói: Tipografia Cerbino, 1949.

SÁ, Francisco. Padrinhos: Zélio de Moraes e Chico Xavier. *Jornal de Umbanda Sagrada*, v. 12, n. 148, p. 05, 2012.

SILVA, Fábio Luiz da. *Espiritismo*. História e poder. Londrina: Eduel, 2005.

SILVA, Raquel Marta da. *Chico Xavier: imaginário e representações simbólicas no interior de Minas Gerais*. Uberlândia. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, 2002.

_____. *Mineiridade, representações e lutas de poder na construção da Minas Espírita*. Florianópolis. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

_____. Representações da mineiridade na vida e na obra de Francisco Cândido Xavier. In: ISAIA, Artur Cesar; MANOEL, Ivan Aparecido. *Espiritismo & Religiões Afro-Brasileiras*. São Paulo: UNESP, 2012.

SILVA, W.W. da Matta e. *Umbanda e o poder da mediunidade*. São Paulo: Ícone, 2007. [1964]

_____. *Doutrina Secreta da Umbanda*. São Paulo, Ícone, 2011. [1967]

_____. *Umbanda do Brasil*. São Paulo: Ícone, 2012. [1969]

SOUSA, Florisbela Maria de. *Umbanda para os médiuns*. Rio de Janeiro: Editora Espiritualista, s.d. [1958]

STOLL, Sandra J. *Espiritismo à brasileira*. São Paulo-Curitiba: Editora Orion, 2003.

TRINDADE, Diamantino Fernandes. *Umbanda e sua História*. São Paulo: Ícone, 1991.

XAVIER, Francisco Cândido. *Brasil, coração do mundo, Pátria do Evangelho*. Brasília: FEB, 2013. [1938]

_____. *A caminho da luz*. Rio de Janeiro: FEB, 1998. [1939]

ZESPO, Emanuel. *O que é a Umbanda*. Rio de Janeiro: Biblioteca Espiritualista Brasileira, 1953. [1946]

¹ Texto da conferência “Chico Xavier e palavra escrita na Umbanda da primeira metade do século XX”, realizada no XIV Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR), na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em abril de 2015.

² Em Porto Alegre, a mais antiga casa de Umbanda foi fundada na década de 1930, a “Congregação dos Franciscanos Espíritas de Umbanda”. Pratica ainda hoje um ritual chamado “de Semiromba” que, segundo a tradição, teria sido “recebido” mediunicamente pelo seu fundador, Laudelino Manoel de Souza Gomes, um oficial da Marinha. A tradição da reverência a semiombas aparece claramente no panteão cultuado, no qual se incluem, além de São Francisco de Assis, Padre Cícero Romão Batista e Dom Francisco de Paula e Silva, bispo de São Luiz do Maranhão de 1907 a 1918. (Ver Isaia, 2013, p. 35 e segs.)

Recebido em 29/06/2016, revisado em 13/07/2016, aceito para publicação em 01/08/2016.